A ORDEM DO DISCURSO E O ILUMINISMO REPRESENTADO EM CLARA DOS ANJOS DE LIMA BARRETO

Adriana Carrion de Oliveira[1]

RESUMO
O presente trabalho tem como objetivo analisar o romance *Clara dos Anjos* de Lima Barreto sob o viés de *A Ordem do Discurso* de Michel Foucault. Lima Barreto é representante de uma literatura à frente de seu tempo por ser denunciante de comportamentos excludentes da sociedade dos inícios do século XIX. Em *Clara dos Anjos*, o autor propõe um novo olhar aos marginalizados por motivos econômicos, de gênero e racial. Assim, observamos a denúncia de uma educação patriarcal que detém o discurso e o poder, por isso notamos os mecanismos de controle do discurso de Michel Foucault inseridos neste contexto e que será o nosso aporte teórico para este estudo, além de releitura a partir do opúsculo *O que é Iluminismo?*, de Immanuel Kant.
Palavra-chave: Clara dos Anjos. Lima Barreto. Michel Foucault. A ordem do discurso. Kant.

ABSTRACT
The present study aims to analyze the title *Clara dos Anjos* from Lima Barreto under the bias of *The Order of Discourse* of Michel Foucault. Lima Barreto is representative of a literature ahead of their time for make denouncement of excluded behaviors of the early nineteenth century society. In *Clara dos Anjos*, the author proposes a new look to the marginalized by economic, gender and race. Thus, we observe the complaint of a patriarchal education and speech of the power, so we see the mechanisms of controlling discourse of Michel Foucault which will be our theorical basis, besides we rereading of the text *What is Enlightenment?* from Kant.
Keywords: Clara dos Anjos. Lima Barreto. Michel Foucault. The Order of Discourse. Kant.

[1] Mestranda em Letras pela Universidade de Marília. adriana.carrion@uol.com.br>

> "A função social da literatura é facilitar ao homem compreender-se, e, assim, emancipar-se dos dogmas que a sociedade lhe impõe. Isso é possível pela reflexão crítica e pelos questionamentos proporcionados pela leitura."
>
> (Alfredo Bosi)

INTRODUÇÃO

As contribuições de Michel Foucault são de suma importância para diversas áreas do conhecimento. Através delas, podemos compreender os problemas atuais e ampliar nossas reflexões sobre saber, poder, subjetividade, ética, linguagem, discurso e outros temas relevantes para a sociedade moderna.

Paul-Michel Foucault nasceu em Poitiers, na França, em 1926; filho, neto e bisneto de médicos, decepcionou sua família ao anunciar que gostaria de ser professor de História, aos 11 anos de idade. Em 1948, Foucault graduou-se em Filosofia na Sorbonne e um ano depois, em Psicologia. Em 1971, assume a cátedra de Jean Hypolite na disciplina de História dos Sistemas de Pensamento. O filósofo publicou diversas obras, entre as quais se destacam: *História da Loucura* (1961) que foi sua tese de doutorado; *As palavras e as coisas* (1966); *Vigiar e Punir* (1975) e *A ordem do discurso*, obra que foi o tema de sua aula inaugural no College de France, em dezembro de 1970. Foucault deixou inacabado seu mais ambicioso projeto, *História da sexualidade*, que pretendia mostrar como a sociedade ocidental faz do sexo um instrumento de poder, não por meio da repressão, mas da expressão. O primeiro dos seis volumes anunciados foi publicado em 1976, sob o título: *A vontade de saber*. *E*m 1984, publicou outros dois volumes. O autor morreu em 25 de junho de 1984, devido a complicações causadas pela AIDS. (CAIXETA, 2010)

Stuart Hall, no l*ivro Foucault: Power, Knowledge and Discourse* afirma que Michel Foucault não estudou a linguagem, mas o discurso como um sistema de representação. O estudo da representação do discurso é relevante para o nosso embasamento teórico.

Este trabalho não procura abranger toda a complexidade dos pensamentos ideológicos de Michel Foucault, mas sim fazer uma releitura de sua obra *A ordem do discurso*, aplicada ao romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto. Dessa forma, vamos contextualizar o referido autor e o sistema

patriarcal que permeia a sociedade das décadas iniciais do século XX, além de estabelecer as possíveis relações entre Michel Foucault, Kant e Lima Barreto.

1. CONTEXTOS E DISCURSOS

Lima Barreto não foi um escritor de obra de ficção, graças ao seu espírito jornalístico, ao caráter denunciante e combativo de sua obra que são reflexos de seu ressentimento e sofrimento, pois era afrodescendente e viveu no período pós-colonial. Assim, ele escreveu sobre a história e as experiências vividas por pessoas comuns de sua época. Walter Benjamin, em sua obra *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura, afirma: "*O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido pela história". *(*BENJAMIN, 1994, p.14) Assim, Benjamim revela-nos a importância do cotidiano para as escrituras de cronistas da época.

Barreto forçou os limites do que se podia dizer e escrever na sociedade brasileira e criou uma literatura marcada pela urgência. Ele sentia a necessidade de expressar-se e expor-se, motivado pela imperatividade e a autoexpressão emergencial. (HIDALGO, 2008, p.21)

Neste contexto, Clara dos Anjos era para ser o projeto mais ambicioso de Lima Barreto o qual gastou tempo e energia a fim de marcar presença como intelectual, reivindicando seu lugar na Academia. (TRINDADE, 2012, p.64). Contudo, Barreto nunca foi aceito pela Academia que menosprezava sua obra, devido ao caráter informal de sua linguagem.

Neste trecho de *Diário Íntimo*, Barreto revelava-se consciente de quem era e do que pretendia:

> Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Politécnica. No futuro escreverei a História da Escravidão Negra no Brasil e sua Influência na nossa nacionalidade. (BARRETO, 1956, v. XIV: 33)

Ainda no *Diário Íntimo*, segunda edição, editado por Francisco de Assis Barbosa com a colaboração de Antônio Houaisss e M. Cavalcanti Proença, o autor faz anotações sobre a protagonista Clara; entretanto, é uma versão incompleta da obra. Os manuscritos das páginas que compõem o *Diário Íntimo*, bem como esta primeira versão incompleta de *Clara dos Anjos* e demais

escritos, encontram-se na divisão de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. (TRINDADE, 2012, p.64)

Lima recomeçou a trabalhar em Clara dos Anjos por volta de 1904, na mesma época em que produzia *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909). Clara dos anjos seria seu grande projeto, já que escreveria um painel sobre a sociedade escravagista do século XIX, mas a primeira versão ficou inacabada.

A retomada ocorreu em 1920, quando o esboço do romance foi transformado em conto, publicado em *Histórias e Sonhos* (1920). A conclusão do romance *Clara dos Anjos* ocorreu entre dezembro de 1921 e janeiro de 1922, ano em que o romancista faleceu; foi publicada postumamente pela Revista Sousa Cruz em forma de folhetins, entre janeiro de 1923 e maio de 1924, só obtendo a impressão em livro em 1948 pela Editora Mérito. (TRINDADE, 2012, p.64)

Alfredo Bosi afirma que há muito de crônica em Lima Barreto: ambientes, cenas cotidianas, tipos de café, de jornal, de vida burocrática e de linguagem desambiciosa que contribui ao gênero:

> O tributo que o romancista pagou ao jornalista (aliás, bom jornalista) foi considerável: mas a prosa de ficção em língua portuguesa, em maré de academismo, só veio a lucrar com essa descida de tom, que permitiu à realidade entrar sem máscara no texto literário. (BOSI, 1994, p. 318)

A história da sociedade brasileira é caracterizada pelo estabelecimento do discurso patriarcal que foi legitimado pela religião cristã ocidental e transmitiu o silêncio do gênero feminino na sociedade.

Gilberto Freire (1951, 1973) pesquisou e relatou a história da sociedade brasileira no período da colonização, explicitando como a família formou-se a partir do regime patriarcal e sob a influência da miscigenação de três culturas: indígena, europeia e africana. (ALVES, 2009, p. 2)

A mulher brasileira da época era subordinada e dependente do pai ou do marido, considerada propriedade do homem e silenciada por ele. Estudos demonstram que esse modelo patriarcal descrito por Freire foi considerado por várias gerações de estudiosos (historiadores, antropólogos e sociólogos brasileiros) como critério e medida de valor para se compreender a vida familiar ao longo do tempo (Samara, 2002).

E, assim como Freyre, também Sérgio Buarque de Holanda (1982) e Antonio Candido (1951) descreveram o conceito de família patriarcal como modelo das famílias de norte a sul do país, durante três séculos de história, segundo as características da grande parentela, sistema hierárquico, autoridade paterna prevalecente, monogamia e indissolubilidade do casamento. (ALVES, 2009, p. 2)

Philippe Áries (l981) afirma em seu livro História Social da Criança e da Família: "Além da aprendizagem doméstica, as meninas não recebiam por assim dizer nenhuma educação". Ainda segundo Áries, "a ausência da educação feminina pode ser explicada pela exclusão da mulher do processo educativo pelo menos até o final do século XVII, quase dois séculos de diferença em relação aos homens". (ARIES, 1981, p.190)

A protagonista Clara vivia praticamente sem contato com outras pessoas, exceto os amigos de seu pai e de Dona Margarida, sua professora de costura. A menina era privada de alargar os horizontes e sua educação restringia-se à esfera doméstica.

Observamos a educação patriarcal, advinda de um sistema pós-colonial burguês em que não se valorizava o conhecimento científico e sim os afazeres domésticos na educação feminina. Esse tipo de educação priorizava o casamento e a subalternidade da mulher a qual era submissa ao pai, enquanto filha e, ao marido, enquanto esposa. Assim, Clara foi criada enclausurada o que propiciava uma educação que mascarava a realidade.

Desta forma, o discurso da sociedade vigente na educação de Clara, é demonstrado no trecho:

> Era tratada pelos pais com muito desvelo, recato e carinho; e, a não ser com a mãe ou pai, só saía com Dona Margarida, uma viúva muito séria, que morava nas vizinhanças e ensinava a Clara bordados e costuras.
> No mais, isto era raro e só acontecia aos domingos, Clara deixava, às vezes, a casa paterna, para ir ao cinema do Méier ou Engenho de Dentro, quando a sua professora de costuras se prestava acompanhá-la, porque Joaquim não se prestava, pois não gostava de sair aos domingos, dia escolhido a fim de se entregar ao seu prazer predileto de jogar o solo com os companheiros habituais; e sua mulher não só não gostava de sair aos domingos, como em outro dia da semana qualquer. Era sedentária e caseira. (BARRETO, 2008, p. 15)

É importante ressaltar que Clara era educada seguindo o paradigma dos modelos tradicionais da sociedade da época, visto que quase não saía e apenas aprendia bordados e costuras. Lima Barreto era uma voz denunciante que pretendia alertar a sociedade para as inúmeras Claras que eram criadas em regime de encarceramento; por isso, eram ingênuas e, muitas vezes, sofriam devido à exploração

sexual e ao preconceito racial numa sociedade em que o discurso do poder era imposto por uma elite conservadora, burguesa e elitista.

Dona Engrácia, mãe de Clara, também era resultado deste sistema branco-burguês e excludente:

> Engrácia recebeu boa instrução, para a sua condição e sexo; mas, logo que se casou – como em geral acontece com as nossas moças -, tratou de esquecer o que tinha estudado. O seu consórcio com Joaquim, ela o efetuara na idade de dezoito anos.
> Fosse a educação mimosa que recebera, fosse uma fatalidade de sua compleição individual,o certo é que, a não ser para os serviços domésticos, Engrácia evitava todo o esforço de qualquer natureza.
> Não saía quase. Era regra que só o fizesse duas vezes por ano: no dia 15 de agosto, em que subia o outeiro da Glória, a fim de deixar uma espórtula à Nossa Senhora de sua íntima devoção; e, no dia de Nossa Senhora da Conceição, em que se confessava. Levava sempre a filha e não a largava de a vigiar. Tinha um enorme temor que sua filha errasse, se perdesse... A não ser com ela.
> Clara, muito a contragosto da mãe, saía de casa para ir ao cinema, no Méier e Engenho de Dentro, e outras vezes - poucas - para fazer compras nas lojas de fazendas, de sapatos e outras congêneres, acreditadas nos subúrbios.
> Essa reclusão e, mais do que isso, a constante vigilância com que sua mãe seguia os seus passos, longe de fazê-la fugir aos perigos a que estava exposta a sua honestidade de donzela, já pela sua condição, já pela sua cor, fustigava-lhe a curiosidade em descobrir a razão do procedimento de sua mãe. (BARRETO, 2008, p.56)

Percebemos a condição da mulher negra e mestiça neste período histórico, tempo em que elas absorviam os discursos vigentes, devido à sociedade machista que defendia comportamentos excludentes. O discurso desta sociedade vigente era consequente de uma sociedade pós-escravocrata e pós-monárquica.

Pretendemos demonstrar como a leitura de Michel Foucault é relevante para a compreensão do romance de Lima Barreto, já que o discurso patriarcal é predominante no referido período.

2. LIMA BARRETO REPRESENTADO NA ORDEM DO DISCURSO DE MICHEL FOUCALT

O filósofo Michel Foucault, em sua aula inaugural no College de France, em dezembro de 1970, afirma que no discurso, é menos relevante as análises formais intradiscursivas que a preponderância das práticas sociais e das relações de poder:

> (...) suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2005, p.09)

Na hipótese acima, Michel Foucault diz que o discurso só se efetiva em função de certos procedimentos de controle e delimitação, sem os quais se desfaz. Logo, entendemos que o controle impõe os limites, agindo de forma persuasiva.

Na obra *A ordem do discurso*, o filósofo explicita esses procedimentos discursivos os quais são divididos em externos e internos.

Por um lado, entendemos que os procedimentos externos do discurso são os três grandes sistemas de exclusão: a interdição, a segregação da loucura e a vontade da verdade. Por outro lado, os procedimentos internos de controle e delimitação do discurso são o comentário, a figura do autor e a disciplina.

Logo, vemos que o discurso é uma forma de controle, coerção e exclusão social.

Retomando o romance *Clara dos Anjos* de Lima Barreto, notamos que o discurso do poder da sociedade burguesa pós-escravocrata predomina e reproduz valores que perpassam pela própria sociedade, assim como o sistema educacional conduz à apropriação do discurso dominante, através dos costumes impostos para a mulher do século XIX. Logo, por meio do discurso patriarcal, vemos a tentativa de disciplinar o sujeito.

A protagonista Clara é resultado deste discurso que unifica uma sociedade inteira, pois a mulher é vista em uma posição inferior, admitindo sua dupla sujeição tanto no papel de filha, quanto no de esposa. A educação feminina era focada na aprendizagem de afazeres domésticos, tais como costurar e cozinhar. Assim, notamos que a escolha do que se pode e não se pode dizer e fazer, é pré-estabelecida pelo discurso. A mulher que não aceitasse as imposições do sistema sofreria com os procedimentos internos e externos do discurso.

Segundo Foucault, a interdição refere-se a determinados assuntos proibidos que não são permitidos no discurso: “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar

de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa". (FOUCAULT, 2005, p. 9). Além disso, o autor estudado enfatiza que a sexualidade e a política são dois assuntos sobre os quais não se podia falar:

> Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. (FOUCAULT, 2005, p. 9)

Entendemos por ritual da circunstância que há discursos que somente podem ser proferidos em determinadas ocasiões e direito privilegiado é o poder exclusivo do sujeito que fala, pois há certos discursos que só podem ser anunciados por determinados sujeitos.

Observamos que o silêncio da personagem Clara, na obra de Lima Barreto, apresenta a interdição da palavra, segundo o conceito foucaultiano abordado em *A Ordem do Discurso*.

Outro mecanismo que tem a função de controlar o discurso é a oposição razão e loucura.

> [...] louco é aquele cujo discurso não circula como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida,não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo; pode ocorrer também, em contrapartida, que se lhe atribua, por oposição a todas as outras, estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber [...] (FOUCAULT, 2005, p.10)

Notamos que Michel Foucault afirma que a sociedade pode considerar a palavra do louco nula e, a consequência, é a sua rejeição e o seu isolamento na própria sociedade.

Lima Barreto esteve internado, pela primeira vez, no Hospício Nacional, em 1914, por aproximadamente dois meses, segundo o biógrafo Francisco de Assis Barbosa. Sua segunda passagem pelo Hospício data de dezembro de 1919 e sua permanência também foi aproximadamente pelo mesmo tempo.

Durante sua primeira estada no Hospício Nacional dos Alienados, no Rio de Janeiro, Barreto escreveu sua experiência documentada no *Diário do Hospício*, recentemente publicado pela Editora Cosac Naify, juntamente com *O cemitério dos vivos* e organizado pelos professores Augusto Massi e Murilo Marcondez.

Lima Barreto incomodava a sociedade porque falava sobre os excluídos e marginalizados, sua literatura denunciante e combativa não interessava ao poder. Vemos neste isolamento de Lima Barreto uma maneira de silenciá-lo.

O hospício, que era para recolher os loucos, com o passar do tempo, passa a ser prisão. Lima Barreto era alcoólatra, entretanto era mandado para o hospício.

Segundo Foucault, ao controlar o discurso, observa-se um mecanismo de coerção, reforçado pelas instituições sociais. Todo sujeito deseja que seu discurso seja aceito como verdade; assim sua validação é imprescindível para a aceitação do indivíduo na sociedade. Segundo Foucault, a vontade da verdade acaba mascarando a vontade individual da verdade e isto se concretiza devido ao caráter institucional embutido nela. Se o discurso não for aceito, corre-se o risco da exclusão. Assim, o discurso torna-se uma forma de dominação.

> O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascará-la.
> Assim, só aparece aos nossos olhos uma verdade que seria riqueza, fecundidade, força doce e insidiosamente universal. E ignoramos, em contrapartida, a vontade de verdade, como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história,- procuraram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão contra a verdade, lá justamente onde a verdade assume a tarefa de justificar a interdição e definira loucura; todos aqueles, de Nietzsche a Artaud e a Bataille, devem agora nos servir de sinais, altivos sem dúvida, para o trabalho de todo dia.(FOUCAULT, 2005, p. 20)

Esses três procedimentos externos são mecanismos de controle do discurso. Eles exercem uma coerção na conscientização da sociedade e a sua consequência é a ausência de neutralidade dos discursos, pois possuem a intenção de mascarar a realidade, colocando em jogo o poder e o desejo: “Aqueles de que lhe falei até agora se exercem de certo modo do exterior; funcionam como sistemas de exclusão; concernem, sem dúvida à parte do discurso que põe em jogo o poder e o desejo”. (FOUCAULT, 2005, p. 21)

Michel Foucault, na sua aula inaugural, explicita também sobre os procedimentos internos de controle e de delimitação que funcionam como o princípio de ordenação e distribuição. O discurso é submetido à dimensão do acontecimento e do acaso. Então, temos: o comentário, o autor e as disciplinas. Estes procedimentos são exercidos na linguagem e pela linguagem.

O primeiro dispositivo de controle citado por Foucault é o comentário que repete o que já foi dito, nega a existência da interpretação e considera a linguagem transparente.

> Em suma, pode-se supor que há, muito regularmente nas sociedades, uma espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que se dizem no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retoma, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer. *(FOUCAULT, 2005, p. 22)*

Todos nós como indivíduos e pertencentes a uma sociedade, incorporamos valores e crenças aos nossos discursos, possibilitando a criação de um novo discurso. A fim de atingir o objetivo já *citado*, estamos, constantemente, remetendo-nos a outros discursos. Quase tudo o que falamos já foi dito outra vez, porém de forma diferente, com outras palavras. O comentário é repetir um discurso já existente.

Na obra *A ordem do discurso*, Foucault explicita o princípio de autoria que consiste em que a individualidade do autor restringe o sentido do discurso. "O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real" (FOUCAULT, 2005, p.28)

Lima Barreto não era aceito pelo poder dominante, pois sua literatura denunciante incomodava o poder vigente. Entendemos que, no discurso, estão inseridos o jogo de interesse e de poder e a ideologia, pois os indivíduos agem de acordo com o que lhes convêm. Logo, temos que observar as intenções por trás dos discursos para não sermos vítimas do próprio discurso.

O comentário limita o acaso do discurso pelo jogo de uma identidade que teria a forma da repetição do mesmo. O princípio do autor limita esse mesmo acaso pelo jogo de uma identidade que tem a forma da individualidade e do eu. (FOUCAULT, 2005, p.29)

Seguramente, percebemos a voz do autor Lima Barreto no romance estudado, visto que a discriminação sofrida em vida é refletida na sua obra e na sua posição como autor dentro da sociedade, pois estava sempre se expondo a fim de acusar o sistema vigente e alertar sobre os abusos que as pessoas menos favorecidas passavam. Assim, sua obra torna-se historicamente imprescindível para a compreensão da nossa história.

O filósofo Michel Foucault escreveu um texto intitulado *O que é o Iluminismo?*, em 1984. Tal texto pretendia fazer uma releitura do opúsculo de mesmo nome escrito por Immanuel Kant, em 1783.

No próximo capítulo, temos a pretensão de apresentar um ponto de convergência entre os textos citados e Clara dos Anjos, de Lima Barreto.

3- A SAÍDA DA MENORIDADE DE CLARA

Immanuel Kant, em 1783, escreveu uma resposta a um jornal alemão de Berlim em que questionava a legitimidade do casamento e provocou os intelectuais da época com a pergunta: O que é o esclarecimento? Kant replicou a provocação e seu texto tornou-se um livreto que se transformou em uma reflexão sobre a essência da modernidade, do sujeito moderno e da atualidade.

Neste opúsculo, intitulado O que é o esclarecimento?, Kant relata a preocupação do homem e sua transição do tempo das Trevas para o tempo das Luzes, do Esclarecimento. O filósofo Michel Foucault, já no século XX, explicita que o texto de Kant era mais uma maneira de elevar sua própria época à condição de objeto filosófico que uma tentativa de definir o Esclarecimento. Assim, o próprio Foucault retoma Kant e escreve, em 1984, O que é o Iluminismo? Neste texto, o autor comenta e extrai consequências relevantes para a compreensão do homem moderno.

Kant define o homem moderno a partir de sua própria disposição para exercer a razão. Logo no início, ele define o que seria a saída da menoridade:

> Iluminismo é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é o culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem. Tal menoridade é por culpa própria, se a sua causa não resistir na carência de entendimento, mas na falta de decisão e coragem em se servir de si mesmo, sem a guia de outrem. Sapere aude! Tem a coragem de te servires do teu próprio entendimento! Eis a palavra de ordem do Iluminismo. (KANT, 1783)

Observamos que Kant define o processo de transição, que pode ser individual ou histórico, a partir de uma negativa, pois o homem não é menor, ele possui a razão no momento em que assume sua emancipação e torna-se agente da sua própria vida, sem depender de outro para guiá-lo. Assim, a definição de liberdade e de emancipação concretiza-se a partir da conscientização do que não se pode praticar na menoridade.

Percebemos aqui um entrelaçamento entre as ideias apresentadas e os comportamentos da protagonista Clara na obra Clara dos Anjos, pois fica explícito em Kant que tanto a culpabilidade quanto a responsabilidade da situação em que cada indivíduo se encontra, é do próprio indivíduo.

Assim, todo homem que é submetido a um direcionamento, é culpado de sua situação de menoridade. Entendemos que a sujeição fica exposta ao outro e, mesmo assim, o próprio indivíduo é o culpado.

> Clara era uma natureza amorfa, pastosa, que precisava mãos fortes que a modelassem e fixassem. Seus pais não seriam capazes disso. A mãe não tinha caráter, no bom sentido, para o fazer; limitava-se a vigiá-la caninamente; e o pai, devido aos seus afazeres, passava a maioria do tempo longe dela. E ela vivia toda entregue a um sonho lânguido de modinhas e descantes, entoadas por sestrosos cantores, como o tal Cassi e outros exploradores da morbidez do violão. (BARRETO, 2008, p.99)

Na passagem acima, Barreto ilustra a menoridade kantiana, visto que Clara precisa de alguém para guiá-la; entretanto, os pais não conseguem fazê-lo com eficiência, pois também não são independentes e nem emancipados. Segundo Kant, o próprio sujeito é o responsável pela sua condição de tutela, pela falta de vontade e de coragem. O indivíduo tem a razão, mas não a usa. A nenhum homem falta entendimento, entretanto, aquele que não o usa, torna-se culpado. A consciência desta culpa possibilita a passagem para a realização da razão e da maioridade. Logo, o indivíduo que não tem coragem de fazer uso do seu próprio entendimento permanece na menoridade:

> A preguiça e a cobardia são as causas de os homens em tão grande parte, após a natureza os ter há muito libertado do controle alheio continuem, no entanto de boa vontade menores durante toda a vida; e também por que a outros se torna do fácil assumirem-se como seus tutores. É tão cômodo ser menor. [...] KANT, 1783)

Retomando a personagem Clara, de Lima Barreto, observamos que através de seu comportamento indolente, sem intenção de adquirir conhecimento e melhorar de vida, ela própria torna-se responsável pela sua permanência na menoridade. Clara só sairia desta posição por deliberação própria:

> Na sua cabeça, não entrava que a nossa vida tem muito de sério, de responsabilidade, qualquer que seja a nossa condição e o nosso sexo. Cada um de nós, por mais humilde que seja, tem que meditar, durante a sua vida, sobre o angustioso mistério da Morte, para poder responder cabalmente, se o tivermos que o fazer, sobre o emprego que demos a nossa existência. Não havia, em Clara, a representação, já não exata, mas aproximada, de sua individualidade social; e, concomitantemente, nenhum desejo de elevar-se, de reagir contra essa representação. A filha do carteiro, sem ser leviana, era, entretanto, de um poder

> reduzido de pensar, que não lhe permitia meditar um instante sobre o destino, observar os fatos e tirar ilações e conclusões. A idade, o sexo e a falsa educação que recebera tinham muita culpa nisso tudo; mas a sua falta de individualidade não corrigia a sua obliquada visão da vida. (BARRETO, 2008, p.99)

Notamos nesta passagem, a intervenção do narrador que consegue uma aproximação com o leitor, através do uso de pronomes em primeira pessoa do plural com o objetivo de alertar sobre a necessidade de o sujeito tornar-se autônomo, responsável e crítico, pois o ser humano necessita desta consciência para conseguir atingir seu objetivo e atingir a entrada na maioridade. Assim, Barreto, revisita o pensamento de Kant que afirma que todo ser humano deve ter o desejo de elevar-se para constituir-se como sujeito.

CONSIDERAÇÃOES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo bibliográfico e possibilitar uma releitura da personagem Clara dos Anjos da obra homônima de Lima Barreto sob a luz das teorias de Michel Foucault e Immanuel Kant.

Desta forma, a leitura do livro *A ordem do discurso* de Michel Foucault foi de suma importância para o desenvolvimento deste estudo. Assim, demonstramos a aplicabilidade dos mecanismos de controle externos do discurso, tais como: interdição, a segregação da loucura e a vontade de verdade na obra referida e na vida de Lima Barreto.

Foucault ressalta que o discurso das instituições não é ingênuo, pois ele é agregado de intenções as quais são importantes para a construção de sentido do texto. Assim, observamos o discurso de poder da sociedade burguesa pós-escravocrata que possuía o sistema patriarcal de educação em que predominavam valores da sociedade vigente. Nestes valores estão incluídos a discriminação do gênero feminino, além das pessoas não pertencentes à classe social dominante.

Ampliamos nossos estudos com a leitura do opúsculo de Kant intitulado *O que é o Iluminismo?*. Esta leitura possibilitou uma amplitude na compreensão da essência da personagem Clara que era "amorfa" na descrição de Barreto e que não queria sair desta condição de submissão e falta de razão.

Dessa forma, o pensamento de Kant constata a necessidade da passagem do ser humano da menoridade para a maioridade, transformando-o em um ser autônomo, responsável, crítico e consciente de sua responsabilidade na formação de uma sociedade justa e menos discriminatória. Assim, concluímos que para Foucault a racionalidade expandida e diluída pode controlar o ser humano, criando forças e autonomia para que o indivíduo torne-se agente de sua própria vida.

.

REFERÊNCIAS

ALVES, Roosenberg Rodrigues. **Família Patriarcal e Nuclear: Conceito, características e transformações** – II Seminário de Pesquisa da pós-Graduação em História, UFG, Goiás, 2009.
ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2a. ed.. Rio de Janeiro: L T C Editora. 1981

BARBOSA, Francisco de Assis Barbosa. **Lima Barreto.** Rio de Janeiro. Agir Editora. 2005.

BARRETO, Lima. **Diário Íntimo. Memórias.** Prefácio de Gilberto Freyre. São Paulo: Brasiliense, 1956. V. XV.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1)

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** 44. Ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CAIXETA, Vanessa de Paula. **Esboço biográfico: Michel Foucault**. Departamento de Educação da UFLA, agosto,2010. Disponível em http://www.ded.ufla.br/generoesexualidade-ei/imagens/foucault.pdf. Acesso em 04 Fev.2014.

FOUCAULT , M. **A ordem do discurso.** 12 ed., São Paulo: Edições Loyola, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Qu'est-ce que les Lumières?,** *Magazine Littéraire, nº 207*, maio 1984, pp. 35-39. (Retirado do curso de 5 de Janeiro de 1983, no Collège de France). Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. *Dits etÉcrits.* Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, p. 679-688.

FREYRE, Gilberto. **Prefácio a Diário Íntimo.** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.
HALL, S. (2001). **Foucault: Power, knowledge and discourse.** In M. Wetherell, S. Taylor & S. J. Yates (Eds.), *Discourse Theory and Practice: A Reader* (pp. 72-81). London: Sage Publications.

HIDALGO, Luciana. **Literatura da urgência: Lima Barreto no limite da loucura.** Annablume Editora, São Paulo, 2008.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: Que é "Esclarecimento"?(Aufklärung).** In: Textos Seletos. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

SÂMARA, Eni de Mesquita. **O Que Mudou na Família Brasileira - Da colônia à Atualidade** - Psicologia USP, Vol. 13 Nº. 2,27-48, 2002

TRINDADE, Isabel da Horta. **Páginas Íntimas – o diário Extravagante de Lima Barreto**. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.